

A arte arruma-se com menos dificuldade num estacionamento do IKEA do que na poeirenta gavetinha duma definição. Ela encoleriza-se quando o artista lhe tenta infligir a coleira e o mesmo artista já aprendeu que a arte é antes uma donzela que “está repaginando o mundo”. Mas com papel vegetal! A fatalidade e o desespero que agora grassam no mundo frenético em que vivemos não se inclinam diante da arte, antes a aceitam na sua infinitude. A arte não é só indispensável – é incontornável!

O que é a arte senão a realidade servida com vinagre? Dá gosto, mas é mister gostar-se. Os gostos ensinam-se e depois a barriga fica confortada. Na verdade, a arte tem este efeito farmacêutico sobre a realidade; não nos vacina contra o espanto, mas ensina-nos o deleite com ele. Prova disto são aqueles receituários de leitura para os mais diversos males (Kafka para o suicídio – é melhor não!).

Daqui descola que a arte nos desaparecia a vida. Por exemplo, a leitura consome-nos tempo; por vezes, a literatura é mesmo dura de roer e, pior, somos um rato na solidão! Não obstante, podemos optar por ser o “rebrilho das manhãs” e, em amoroso diálogo com a donzela, descobrimos-lhe a combinação de renda, por baixo do vestido. É certo que leva tempo, porém, se formos gentis, pode ser que a cama ainda ranja esta noite...

Enfim, já saboreámos a arte-condimento e vimos a arte-mulher (perdoe-me a benévola leitora pelo estereótipo). Mas só temos a arte graças ao artista, o pai desta filha rebelde. Ele sabe que o casamento com a vida, connosco mesmos, ver ter de acontecer, mas pode sempre esforçar no dote... Nós pagamo-lo! Trabalhamos para que, ironicamente, o útil se converta no inútil.

Marcos José Oliveira Helena - Escola Secundária José Afonso, Loures